

CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTRUTURA EM FREUD E LACAN

Texto elaborado por João Fernando Calsavara – Jornada de Estudos do Traço
26 de maio de 2006.

INTRODUÇÃO

A questão da estrutura é um assunto recorrente em Freud, na clínica do cotidiano e, como afirma Lacan, nas “formações do inconsciente”. Lacan assim a aborda:

É bem isso que tenciono lhes falar este ano a respeito das formações do inconsciente. Das questões da estrutura, ou seja, para chamar as coisas simplesmente, das questões que tentam colocar as coisas no lugar, coisas que vocês falam todos os dias e nas quais vocês se embaraçam todos os dias, de uma maneira que termina por incomodá-los.

Para falar de estrutura, precisamos recorrer a alguns conceitos mais freqüentes e comentados na Obra de Freud, tais como “angústia”, “falo” e “castração”, explicitados, especialmente, em “Três Ensaios sobre Teoria da Sexualidade”, e no texto de 1923, “Organização Genital Infantil”; ainda, em “Inibição Sintoma e Angústia” e em tantos outros.

Tanto Lacan quanto Freud situam o prenúncio da formação das estruturas num estágio pré-edípiano.

1. ESTÁGIO PRÉ-EDÍPICO

Freud, influenciado pela cultura da época, fala mais em “esquema mental” ou “aparelho psíquico”. Para ele, muitos elementos pré-edípianos interferem na construção das estruturas psíquicas do ser humano.

A criança, ao nascer, não tem unidade corporal (esquize), noção de tempo e espaço (descontinuidade). A unidade e permanência se fundam na relação fusional com a mãe.

O eu se forma, a partir do descolamento progressivo da mãe e das identificações imaginárias, com os modelos parentais. Freud chegou a essas conclusões a partir da observação clínica dos seus pacientes, especificamente das histéricas. Apontou ainda a estreita conexão dos sintomas com a sexualidade infantil. A sexualidade não tem objeto próprio, único e natural e pode se manifestar também por desvios e perversões polimorfas. A pulsão é parcial. Diferente do instinto, circular e repetitivo. A economia psíquica segue o modelo do arco-reflexo: estímulo, tensão e resposta. A libido percorre, penetra e marca o corpo. Busca saída, o prazer total. Esbarra nos limites impostos pelo eu, provocando angústia, no sentido original da palavra, usada por Aristóteles (agonia, passagem estreita). Angústia também proveniente da antagonia de princípios (prazer-realidade). Tópica (consciente e inconsciente). Pulsional (vida e morte). Tudo isso faz do ser humano um sujeito dividido e insatisfeito, conflitivo e dilemático.

As representações recalçadas formam constelações interligadas por uma rede que atrai outras representações. Impedidas de sair pela via normal, em função da barra do recalçamento, cria desvios, máscaras, sonhos, sintoma e atos falhos. Ou permanecem estancadas ampliando a angústia.

Freud fala da ontologia dessa falta numa carta a Fliess: *É como se a excitação e tensão psíquica acabassem por cavar uma espécie de furo pelo qual a energia libidinal não parasse de escapar.*

A fala, como veículo principal de escape da angústia, tornou-se para Freud o instrumento fundamental do trabalho analítico. Subverteu o conceito de ato falho da época, visto como falha de memória, de linguagem, para colocá-lo como expressão genuína do inconsciente, das representações recalçadas.

Na formação da rede de representações, Freud identificou dois mecanismos básicos responsáveis pela expressão do inconsciente, a condensação e o deslocamento.

O humano vai passar o resto da vida tentando estancar essa fenda, no delírio, no sintoma e até na busca da morte.

A criança aprende a simbolizar, metaforizar, entra no mundo da linguagem convencionada, saindo da concretude do conhecer para o conhecimento por representação, tornando-se capaz de tornar presente o ausente e tornar ausente o presente. Freud descreve a cena de uma criança, que, na ausência da mãe, brinca com um carretel amarrado a um cordão. Ela lança o carretel debaixo da cama e em seguida o traz de volta numa expressão de satisfação: OH! OH! Na expressão alemã... *FORT DA*. Diz ele que o *FORT DA* simboliza o domínio sobre a presença/ausência da mãe, expresso no lançar e puxar o carretel. A magia de tornar presente o "ausente" inaugura a entrada no simbólico. A adequação a essa realidade social vai depender da capacidade de simbolizar. Vai distinguir o psicótico do neurótico.

A construção do eu e a entrada no mundo da linguagem são pré-requisitos essenciais para a formação das estruturas psíquicas. Para Lacan, o esquema mental ou aparelho psíquico não é um dado natural, mas antecipação para a criança de um Outro. A criança existe antes mesmo de nascer, a partir das identificações imaginárias, simbólicas e reais vindas do Outro, atrelada que está ao desejo dos pais, dos avós etc...

Esse Outro está para além da dimensão imaginária. É o portador de um tesouro de significantes, instância feita de palavras. Quem primeiro ocupa esse lugar do Outro para a criança é quem exerce a função materna. Lacan não trata do corpo físico, mas da imagem de um corpo unificado pelo Outro, que permite à criança a construção de seu eu. Uma experiência subjetiva e cognitiva nele. Ela é objeto do desejo Outro. Santuário onde habitam palavras, sons e fonemas, ouvidos do Outro.

Não há uma anterioridade ao Desejo Materno nessa relação. A criança antes de desejar a mãe, de desejar ser o falo dela, é desejada por ela. A

entrada do Pai, detentor do falo, priva a mãe da criança, colocando o Desejo Materno para debaixo da barra do recalque. Através dessa operação, ele permite que a criança deixe de ser o objeto do gozo materno para passar a ser desejante.

A interdição do Desejo Materno funda e constitui o sujeito que chega atravessado pelo desejo e pela palavra do Outro. Esses ideais introjetados e sedimentados constituem o que Lacan chama de registro do Imaginário. O mundo objetual, do qual faz parte o próprio sujeito, é sempre constituído através do Outro.

O desejo é sempre outra coisa, que não satisfaz as pulsões. Pressupõe a falta. Para Freud o Desejo tem sua gênese na perda da simbiose; para Lacan, é a necessária relação do sujeito com a falta. O enquadre do desejo é a lei, registro psíquico ligado à função da linguagem.

O sujeito é representado pelo significante. Segundo definição de Lacan, o significante é *o que representa o sujeito para outro significante*. O significante não é só antônimo em relação ao significado. Tem uma importância essencial que não pode ser atribuída ao significado. Não tem qualquer correspondência com o significado do signo lingüístico. A partir do significante pode ser revelada uma parte da verdade do sujeito, mas não-toda a verdade é revelada, já que seu desnudamento total faria desaparecer o recalque e aniquilaria o sujeito. Os significantes deslizam de um a outro, formam uma rede, trazendo um sentido expreso e outro latente.

Quanto ao conceito de angústia, vemos que, para Lacan, a angústia é o afeto dos afetos, o afeto louco sem localização. A falta da falta causa a angústia. A aproximação, a presença massificante do Outro, pode causar o apagamento do sujeito. Do grande Outro alguma coisa resta. Isso que resta é o afeto que o sujeito busca eternamente. Buscado, mas nunca encontrado, porque ele é a causa do desejo, seu encontro apagaria a falta do sujeito.

Diz Lacan:

Na angústia, o objeto a minúsculo cai. Essa queda é primitiva, a diversidade de formas que toma este objeto da queda, está numa certa relação com o modo sob o qual se aprende, para o sujeito, o desejo do Outro. (Os nomes do pai, 20/11/63.)

A criança deixa o seio, mas continua numa permanente demanda ao Outro. Desprende-se das fezes por uma ordem dominante do Outro. Mas permanece numa oblatividade ambígua. Na pulsão escópica, cai o que lhe dava sentido e consistência, a imagem especular(i). O olhar representa o objeto central que simboliza a castração, como diz Lacan no Seminário 11:

O que especifica o campo escópico e engendra a satisfação que lhe é própria, é que lá, por razões de estrutura, a queda do sujeito fica sempre despercebida, pois ela se reduz a zero. Na medida em que o olhar, enquanto objeto a, pode vir a simbolizar a falta central expressa no fenômeno da castração e que ele é o objeto a reduzido, por sua natureza, a uma função puntiforme, evanescente deixando o sujeito na ignorância do que há para além da experiência. (Seminário 11, Capítulo VI, p.77.)

A voz do Outro é objeto essencial, diz Lacan:

Pela voz, esse objeto caído do órgão da palavra, o Outro é o lugar onde isso fala. Aqui já não podemos escapar à questão: quem? Para além daquele que fala no lugar do Outro e quem é o sujeito que existe mais além de quem o sujeito, cada vez que fala, toma a voz? (Os nomes do pai, 20/11/63.)

A poesia de Goulart cantada por Wagner fala desse objeto caído buscado e nunca encontrado.

***Uma parte de mim é todo mundo
Outra parte é ninguém fundo sem fundo***

***Uma parte de mim é só vertigem
Outra parte linguagem***

2. ESTÁGIO EDIPIANO

Na fase edipiana propriamente dita, Freud insiste na prevalência do falo.

Como muito bem descreve Joel Dör, em seu livro "Estruturas e Clínica Psicanalítica" (Taurus Editora):

é em função dos amores edipianos que se constituem, para todos, a estrutura psíquica ou, como assinalava Freud, a "escolha" da própria neurose, psicose ou perversão. A estrutura psíquica constitui uma organização definitiva. A estrutura é irreversível.

A economia de seu funcionamento está sujeita a variações. Essa organização estrutural que se constitui pela dialética edipiana é marcada por dois tempos fortes representados pela dimensão do ser e a dimensão do ter o falo. No percurso do Édipo, a função fálica engloba quatro personagens: o falo, a criança, a mãe e o pai.

A castração está articulada com a ordem fálica e não com a presença física do pênis. A falta do pênis, percebida como um corte na menina e um possível corte no menino, traz duas noções fundamentais para entender a castração: a falta e a concepção de alguma coisa que falta, como diz Freud:

O caráter principal dessa organização genital é ao mesmo tempo o que a diferencia da organização genital definitiva do adulto. Este reside no fato de que, para os dois sexos um único órgão genital, o órgão masculino, desempenha um papel. Não existe, pois um primado genital, mas um primado do falo. (ESB. vol. VII, p.129 ss.)

Quando Francisco Brennand compôs o cenário do Marco Zero com "enormes falos", a 1ª dama da Cidade insurgiu-se contra tamanha indecência. Propôs a retirada imediata dos "enormes pênis". Discussão inútil. O que Brennand fincou aí não foi falo nem foi pênis. O falo não é, ele apenas significa. Representa a falta. É carência, poder imaginário que de fato não existe e ninguém possui.

Essa concepção imaginária da falta de pênis na menina e o medo de perdê-lo no menino postula um objeto imaginário, o falo. A atribuição desse

falo ao pai, e conseqüentemente à mãe que na fantasia da criança o possui, deixa a criança numa hiância que busca compensar, fantasiando ser ela mesma esse objeto especial que satisfaz a mãe.

Para entender a formação das estruturas psíquicas é preciso aceitar a prevalência do falo, como diz Freud nos "Três ensaios sobre a sexualidade", numa nota de rodapé em 1920: *o reconhecimento do Complexo de Édipo tornou-se a palavra de passe que distingue os partidários da psicanálise e seus adversários*. Segundo Freud, no primeiro tempo do Édipo, a criança, fusionada à mãe, exclui o pai. Desejo incestuoso e assassino originário da hominização. Num segundo tempo vem a angústia de castração. O pai é visto como castrador, ciumento e rival. Ameaçada pela agressividade dele, a criança é tomada de angústia. A ameaça incide sobre o corpo. Para ela não existem dois órgãos genitais, masculino e feminino. O pênis na sua fantasia já foi arrancado da mãe e da irmã. O seu está na vez para ser cortado. O terceiro tempo marca a saída do Édipo. A ligação incestuosa e a angústia de castração declinam, desaparecem, através da aceitação da castração simbólica. A criança deixa de rivalizar com o pai, para identificar-se com ele e ser como ele. Abandona o desejo de ser o falo da mãe, objeto de seu desejo, para ter o falo como o pai. Na menina a identificação com a mãe a faz desistir do pai. Ter sua completude no falo de outro homem que um dia terá.

A novidade introduzida por Lacan em relação à função fálica é a importância que ele dá à fase pré-edípica, à anterioridade do falo e à noção de metáfora paterna. O recalque originário funda e estrutura a existência do sujeito e consiste numa metaforização primordial da lei, que substitui significativamente o falo pelo significante nome do pai.

O nome, diz ele:

é essa marca, já aberta à leitura, é por isso que ela se lerá da mesma forma em todas as linguagens, ali está impresso alguma coisa, talvez um sujeito que vai falar.
(*Os nomes do Pai*, 11/1963.)

Esse nome, no capítulo VI do Êxodo, é Elohin, anunciado ao povo judeu, através de Moisés. Ele fala na sarça ardente concebida como seu corpo, imagem que se anuncia pela voz: *Eu sou aquele que sou. Ente primordial*, de acordo com a versão do grego 'eimi to on' e não 'eimi einaí'. O nome do pai está, pois, associado ao decálogo, à lei simbólica que se instala através da nomeação de seu representante, Moisés. Lacan sublinha em "Formações do Inconsciente", Seminário 5:

vocês precisam compreender a falta desse significante especial do qual acabo de falar, o nome do Pai, no que ele funda como tal o significante – complexo de Édipo, ou lei de Édipo ou lei da proibição da mãe. Ele é o significante que significa que, no interior, desse significante, o significante existe.

A metáfora paterna é estruturante e fundadora do sujeito psíquico. Se falha o recalque originário, a metáfora paterna não advém. A forclusão do nome do pai neutraliza o advento do recalque originário, fazendo fracassar a metáfora paterna, comprometendo a castração simbólica, enfim, a entrada no simbólico e na realidade social. Quando o significante nome do pai é recusado pela mãe, a falta de nomeação dele (forclusão) torna a criança prisioneira no lugar de falo Imaginário da mãe. O que vai distinguir a neurose da psicose é essa forclusão.

Lacan fala em três tempos do Édipo. Ampliando Freud, diferencia no primeiro tempo a relação da mãe com a criança da relação da criança ao desejo da mãe. Desejo de desejo, diz Lacan, em "Formações do Inconsciente"-Seminário 5:

O que cabe compreender é que esse desejo de desejo implica que estejamos lidando com o objeto primordial que é a mãe, com efeito, e que tenhamos constituído de tal maneira que seu desejo possa ser desejado por um outro desejo, o do filho nomeadamente.

Conseqüentemente a criança vai permanecer despojada de desejo, absorvida pelo desejo da mãe.

No segundo tempo incide o pai Real, proibidor, castrador, rival... Aparece, no entanto, somente se é mediado pelo desejo e nomeado pela palavra da mãe. Anuncia a proibição do incesto. Malogra o desejo da criança de ser o falo da mãe.

O terceiro tempo é conseqüência da superação do segundo tempo. Deixa de ser objeto de desejo para ter desejo. Lacan, nas "Formações do Inconsciente", Seminário 5, diz:

Nela, com efeito, a criança torna-se outra coisa, pois essa etapa comporta a identificação com o pai, e o título de propriedade virtual que o pai tem.

O nome do pai designa o reconhecimento de uma função simbólica circunscrita no lugar de onde se exerce a lei. Diz Lacan:

A função do pai no complexo de Édipo é de ser um significante substituído ao significante, isto é, ao primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno.

3. EDIFICAÇÃO DAS ESTRUTURAS PSÍQUICAS

A identificação no sentido original da palavra (idem *edificare* – construir igual) implica repetição – fixação – num dos três tempos, em que se fixam as bases das três estruturas na defesa contra o trauma, o gozo e a angústia. A neurose resulta do recalque primário e da passagem pela castração simbólica; a perversão, da denegação da lei simbólica; a psicose, da forclusão do nome do pai.

A estrutura neurótica tem suas nuances e se expressa diferente na histeria, fobia e neurose obsessiva compulsiva. Vamos nos ater um pouco mais à Estrutura Psicótica.

ESTRUTURA PSICÓTICA

A explicação da psicose antes de Freud estava circunscrita ao biológico. Alterações neurológicas. Descrição sintomática. Pouca ênfase na etiologia.

A partir da metade do séc. XIX surge uma preocupação mais sistêmica com a doença mental, atribui-se a ela uma causalidade psíquica, ressaltando-lhe a ruptura com a realidade e sintomas de delírios e alucinações.

Freud defende a causalidade psicogênica das psicoses. Atrelado ainda à concepção psiquiátrica, ressalta a divisão entre a realidade interna e externa. A perda da realidade e da consciência leva o paciente ao delírio. Distingue neurose de psicose pela forma de lidar com a realidade. O neurótico foge da realidade; o psicótico (de)nega-a.

Freud acrescenta um novo elemento, a “clivagem do eu”, presente tanto na neurose como na psicose, de forma diferente.

A clivagem é a ruptura dos elementos que fazem parte de uma estrutura, como descreve na Conferência XXXI, vol. XXII:

Assim, o ego pode ser dividido; divide-se durante numerosas funções suas – pelo menos temporariamente. Depois, suas partes podem juntar-se novamente. Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo. Nem nós mesmos podemos esconder-lhes um pouco desse temor reverente que os povos do passado sentiam pelo insano. Eles, esses pacientes, afastaram-se da realidade externa, mas por essa mesma razão conhecem mais da realidade interna, psíquica, e podem revelar-nos muitas coisas que de outro modo nos seriam inacessíveis.

Um psicótico recorreu à poesia para falar do inacessível:

Sinto-me super mal por conta da realidade. Fujo dela desde há muito tempo... não sei o que fazer com a vida! O que falo carece de sentido. Tateio no escuro, na busca da felicidade. Não sei me relacionar. Vivo tentando fórmulas que copio das outras pessoas. Sou torturadora de mim mesma. É imanente ao amor o seu aniquilamento?

Sinto que a vida ainda pode dar-me algo, porém, não sei o quê, nem por quê.

E cantarola Chico Buarque:

O que será, que será?

Que andam suspirando pelas alcovas?

Que andam sussurrando em versos e trovas?

O que não tem certeza, nem nunca terá?

O que não tem conserto, nem nunca terá?

O que não tem tamanho?

Lacan, a partir do conceito freudiano de clivagem (*Spaltung*), amplia a compreensão da etiologia da psicose. Introduce o conceito de forclusão do nome do pai como vimos antes. Diferencia pai Real, Simbólico e Imaginário. Acentua a importância do significante paterno.

O Pai real é o agente da castração. Ele por si só não interfere no decurso do Complexo de Édipo. Quem interfere é o pai imaginário e simbólico, quem encarna a função paterna nesses três registros.

O pai imaginário é a imagem paterna que a criança cria na sua imaginação de acordo com seu fantasma. Esse pai é uma representação construída a partir do que a mãe lhe fala.

O pai simbólico é a função paterna, passada pela mãe à criança. A mãe nomeia o pai. A aceitação, dos nomes do pai, é estruturante e supõe a

aceitação da Castração simbólica. Em outras palavras, uma criança pode ter uma evolução psíquica estruturante sem a presença do pai biológico. Mas uma boa estruturação psíquica precisa da dimensão do pai real, imaginário e simbólico. O pai é sempre um significado para a criança, passado e articulado pela mãe, que o reconhece e o nomeia. A identificação é o reconhecimento do lugar de cada um nesse triângulo amoroso.

A negação do nome do pai pela mãe se dá pela ausência ou negação dele em seu desejo. É efeito, portanto, do Complexo de Édipo dela. Conseqüentemente, a forclusão do nome do pai inviabiliza o recalque originário e provoca o fracasso da metáfora paterna. Compromete o acesso da criança ao simbólico. Tornada fracassada, falha, a constituição da criança como sujeito desejante.

A permanência na relação dual imaginária com a mãe dificulta a entrada dela no mundo da linguagem convencional e na realidade social. Para sobreviver, o psicótico cria um mundo próprio. Rompe com a realidade. Inventa outro. Habita a linguagem de uma forma própria, particular.

O psicótico, porque forcluído, continua preso ao Real, sem ser atravessado pela linguagem, castração simbólica: lei do pai. Não tendo acesso ao simbólico, responde como pode. Delira, como saída para seu fracasso.

No âmago da sua patologia, uma psicótica fala de sua perda, traz dúvidas sobre os verdadeiros pais (a forclusão do nome do pai), sua identidade e sua pactuação nesta relação incestuosa que a faz filha do incesto:

Maldita e errante. Não quero ficar louca. Espero que você possa me ajudar a desvendar os mistérios de minha vida, ou seja, que sou filha de estupro do pai a uma filha. Preciso lembrar-me de tudo. Quero tirar esta dúvida atroz. Preciso de tela e tinta para pintar. Um desenho para você, retratando o monstro que sou.

Quero ter um lugar de paz em meu coração, voltar a trabalhar. Deixar de ser uma marionete:

*Sinto-me um boneco
 não me deixam chorar
 não me deixam amar
 não me deixam sorrir
 faço o que não quero
 não faço o que quero
 não me deixam FALAR.*

O psicótico se sente heterônimo, prisioneiro do Outro, por isso busca voltar ao estado de quietude do real. *O surgimento de alguma vontade denuncia melhora?*

Depois de uma análise longa, fala de planos e sonhos:

Hoje é véspera de Natal. Estou planejando meu futuro e pensando nele. Ele está se tornando lilás. Estou conseguindo sonhar outra vez. Quando terminar Letras, farei graduação em História. Estudar inglês, francês e música. Fazer mestrado em Letras. Utilizar a literatura, para me curar. Falar do que não sei de mim, em prosas e versos. Após tudo isso, vou escrever um livro. Pintar (o Sete). Ressurgir uma nova mulher, como diz a poesia:

*Este pintor
 sabe o corpo feminino e seus possíveis
 de linha e de volume reinventados.
 Sabe a melodia do corpo em variações entreagudas.
 Lê o código do corpo, de A ao infinito
 dos signos e das curvas que dão vontade de morrer
 de tanto orgasmo e de beleza.
 Amém!*